



Quem são as personalidades que deram nome às ruas e às avenidas do Estado e qual a importância delas para o desenvolvimento capixaba? Para responder a essas e outras perguntas, a coluna "O Endereço da História" presta uma homenagem às pessoas que tanto contribuíram para o Espírito Santo. Confira.

Personagem marcado pela história, Serafim Derenzi foi um homem de duas pátrias

O século XIX foi um marco na grande transformação política, econômica e social que deu à Itália foro de nação. Território dominado por diversas potências regionais, viveu longo período de tempo sob poder estrangeiro que cerceou seu progresso econômico e competitivo no mercado europeu, até a época em que Garibaldi conquistou ducados que pertenciam ao Estado pontifício. A Igreja mantinha, no mundo medieval, 90% de sua área, sustentando uma economia agrária quase feudal.

Essa premissa só é levantada para se entender melhor a personalidade de Serafim Derenzi, cujo nome, no tempo, iria nominar importante via pública da nossa cidade.

Inquieto, patriota, inconformado, o jovem Serafim se sentia impotente vivendo a fase difícil que seu país atravessava. Como muitos dos seus contemporâneos, procurou se adaptar aos novos tempos sem, no entanto, encontrar caminhos para participar do movimento destinado a dar novo perfil político à pátria italiana.

Da pequena e rural Província de Pesaro, na região de Marche, onde nascera em 1863, o menino Serafim, que ficara órfão aos 5 anos, foi levado para Roma para viver com um tio, sacerdote da Igreja Católica.

Adolescente, engajou-se no Exército, onde realizou seus primeiros estudos e conviveu com uma disciplina que o iria marcar para sempre. Era uma época em que milhares de famílias italianas emigraram buscando novas perspectivas em países de novos mundos. Os irmãos de Serafim Derenzi se incorporaram às levadas dos imigrantes que atravessaram o oceano buscando novos ares no nosso território sedento de mão de obra produtiva para seu desenvolvimento.

O inevitável aconteceu. Após tentativas quase frustrantes de trabalho no setor ferroviário e em cerâmica, nosso personagem sentiu-se atraído pela mesma miragem que levava seus irmãos a cruzar o Atlântico: já casado e com dois filhos, decidiu realizar seus sonhos e veio para o Brasil. Com futuro incerto, mas dominado por uma esperança quase religiosa, deixou esposa e filhos na Itália, até que tivesse situação consolidada no país para ele desconhecido.

José Eugênio Vieira é pesquisador com diversos livros publicados sobre a História do Espírito Santo e atualmente ocupa a Superintendência do Sebrae



GPS
-20.284107,
-40.335130

Navegue pelo Street View

Participe da coluna enviando sugestões para enderecodahistoria@revistaesbrasil.com.br

No Brasil, ao desembarcar no porto de Santos, alistou-se logo para trabalhar num campo que conhecia, o ferroviário, na construção da estrada de ferro Santos-Jundiá.

Sua procura pelos irmãos que o antecederam na viagem foi infrutífera e, sentindo-se já seguro na sua nova vida, voltou à Itália para trazer a família e recomeçar, com ela, a afirmação de seu destino. Era o ano de 1896.

Dotado de qualidades excepcionais para cálculos matemáticos, criterioso, competente e trabalhador, teve seus méritos reconhecidos pela companhia ferroviária inglesa, que em pouco o promoveu de operário a feitor. Foi assim que trabalhou na construção da estrada de ferro Mogiana, antes de vir para o Espírito Santo.

Seu destino, afinal, estava marcado.

Trabalhou inicialmente na construção da ligação ferroviária Cachoeiro do Itapemirim a Campos (RJ), da antiga “*The Leopoldina Railway Company Limited*”, e depois na ligação Vitória a Diamantina (MG), ganhando maior experiência num setor altamente técnico que iria embasar sua futura atividade como implantador do processo de urbanização.

O desmonte do morro da Santa Casa e o aterro da área que seria ocupada pelo Parque Moscoso foram iniciativas de grande vulto, comparáveis às obras de terraplanagem empreendidas no centro do Rio de Janeiro, então capital da República.

Já dotado do espírito empreendedor do capixaba, inserido na vocação progressista do nosso povo, Serafim Derenzi guardou no coração a lembrança de sua terra natal para se tornar, de corpo, alma e inteligência, um legítimo brasileiro.

A marca do seu esforço empreendedor está intimamente ligada a obras como a Vila Militar – hoje ruas Bernardino Monteiro e Marcondes de Sousa; a rodovia ligando Santa Leopoldina a Santa Teresa, e mais Itarana, Itaguaçu, Palmeira, São João de Petrópolis (ST) até Santo Antônio de Mutum; o aterro do extenso e insalubre

pântano da área que deu origem ao populoso bairro de Jucutuquara e a pavimentação em concreto da Avenida Vitória que, em 1929, estabeleceu novo conceito de mobilidade urbana.

Serafim Derenzi tem seu nome definitivamente inserido na galeria dos grandes benfeitores do Espírito Santo, um exemplo dignificante de vida para as gerações que o sucederam. Nossa homenagem a essa singular figura humana está na via pública a que se deu seu nome. A Avenida Serafim Derenzi se estende por 10 quilômetros, beneficiando moradores de 15 bairros de Vitória. Interessante destacar que ele próprio teve participação na abertura da avenida, em 1939, à época conhecida como Estrada do Contorno.

Este registro, coincidentemente num mês que abre para nós a esperança de um ano sempre melhor, resgata, também ele, a memória desse extraordinário homem que tão bem se identificou com o espírito capixaba. Serafim Derenzi faleceu, no mês de dezembro, em 1941, aos 78 anos de idade, quando o ano que era velho abria espaços para um novo ano por ele sempre sonhado.

Seu sepultamento, num dia cinzento, chuvoso e frio, foi acompanhado a pé por centenas de operários que tiveram o privilégio de com ele trabalhar.

Luiz Serafim Derenzi, filho de Serafim Derenzi, nascido em Vitória, continua a obra do pai, com atuação destacada na área de engenharia. ■

Mais fotos na galeria do site:

<http://www.revistaesbrasil.com.br/index.php/artigos-e-colunas/o-endereco-da-historia>

